

OITO

Pensou que não ia encontrar Flor quando chegasse em casa. Mas, ou porque estava atrasada ou porque fez de propósito, ela está fechando a porta no momento em que Carlos aparece. Ela está com um rosto inchado e uma mala enorme. Ele não diz nada. Apenas se encosta à parede, ao lado da escada, e observa os últimos movimentos da mulher. Ela passou por Carlos batendo os pés no chão, como se quisesse maltratar alguém. Ele só virou os olhos para acompanhá-la. Sentiu um vazio, como se tivesse tirado algo engasgado das veias. Quando ela chegou ao final do corredor, parou e gritou na sua direção:

- Não vai falar nada não?

- Flor, eu já te contei. Você é que não acredita em mim...

- Carlos, você é um escroto. Fica se fazendo de santo, de bonzinho, você é um verdadeiro de um escroto – disse aproveitando toda a palavra final.

- Flor, vamos esquecer isso tudo. Fica aqui, fica?

Ela levanta a voz, que ecoa no corredor:

- Nunca mais! Nunca mais, você me ouviu?! Eu não quero saber de você nunca mais!

Ele abaixa a cabeça, desistindo, e vai abrir a porta da casa. Flor continua gritando:

- Ei! Vai embora assim? Vai me deixar falando sozinha?! Você é um escroto, Carlos!

Ele abre a porta e fecha atrás de si. “Acabou”, pensa. Encosta a testa na porta, segurando a maçaneta. Ainda escuta alguns berros da Flor, mas a ignora. “É melhor assim.” Vai até a sala, tira os sapatos e liga a TV. Passa uma novela. Não importa. “Se é assim que ela quer. Detesto fazer isso, mas não quero ouvir a voz da Flor do lado de fora da casa.” Naquela hora, queria uma companhia, alguém que falasse sobre qualquer coisa e não lhe deixasse sozinho com o seu pensamento.

Anda até a cozinha para pegar uma cerveja. Senta no sofá com um copo e bebe devagar, sentindo o gosto amargo. Seu corpo diminuía de temperatura à medida que entornava na garganta. Percebia que estava como que afundando no sofá, relaxado. Em pouco tempo, já tinha se desconectado da televisão e estava se lembrando do dia anterior, da briga que teve com a Flor. Tinha chegado tarde em casa. Tinha passado a semana inteira trabalhando num caso chato. Eram 12, 13 horas de investigação por dia para descobrir quem havia matado um moleque de 15 anos perto de uma favela do subúrbio. O caso estava com cara de um latrocínio comum, mas isso não importava. Queria pegar o sujeito que tinha apertado o gatilho. Não acreditava que isso iria regenerar o sujeito, mas pelo menos não haveria a certeza da impunidade. E sabia que a cadeia é o pior lugar do mundo para se viver. Lotação, sujeira, bichos, mais sujeira, estupro corriqueiros, uma única privada para uma multidão. Para Xavier, era o inferno.

Depois dessa semana inteira de sobe morro, desce morro, conversa com o chefe da boca, pergunta para o dono da birrosca se ele conhece sicrano, entra no labirinto de

ruelas do morro, prende o beltrano, tem que arrancar a confissão dele, levar para a delegacia, perceber a cara feia do Roseira porque o preso é um garoto de menos de 18 anos que vai dar um trabalhão para mandar para um instituto de menores, Xavier foi com os amigos a um boteco perto da delegacia. Chegou tarde em casa, como todos os dias, mas fedendo a cerveja e a perfume doce. Flor não gostou. Disse que era a última vez que era enganada, que ficava ainda mais revoltada por ter acreditado nele quando ele dizia que estava trabalhando, ela agora sabia, Xavier não prestava, ela iria embora. Ela já tinha se comportado assim, mas não com essa intensidade. Normalmente Carlos ia atrás, na casa da mãe dela, mas agora, não tem mais vontade. Está cansado disso também. A história acabou. Agora, tudo o que quer é uma cerveja gelada e o sofá espaçoso para enfrentar esse verão pegajoso.